UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

13

INSCRIÇÕES 54-58



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1985 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.° dt.°, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





ARA VOTIVA DE FREIXIOSA

(Conventus Scallabitanus)

Гото 54

Ara votiva, em granito, que se encontra a servir de pedestal (embora em posição invertida) a uma cruz de madeira, na igreja paroquial da Freixiosa, concelho de Mangualde.

Bastante bem conservada. Moldurada nas quatro faces, verificando-se, na parte anterior, uma destruição quase total motivada por uma tentativa de aplanamento. Capitel (20 cm de altura) com molduração de tipo gola encurtada com ranhura. A base (20 cm de altura) é de tipo gola reversa também com ranhura. Não nos é possível saber se teria existido fóculo.

O texto foi completamente avivado, em época posterior, seguindo apenas alguns dos vestígios de letras ainda existentes à altura, de forma que resultou quase incompreensível, com a agravante de ser muito difícil garantir, agora, qual o primitivo texto.

Campo epigráfico: 40×38 .

[CROVG/AE · NILAI/GVI] (?) · CLE/MENTI/NVS · CEI (filius) / 5 A(nimo) · L(ibens) · V(otum) · S(oloit)

A Crouga Nilaico (?). Clementino, filho de Ceio, cumpriu o voto de livre vontade.

Ficheiro Epigráfico, 13, 1985

Altura das letras: l. 1: 5,5/6,5; l. 2: 2,9/4,9; l. 3: 5/6; l. 4: 4,3/5,6; l. 5: 4,9/6,9; l. 6: 5,7/6,5 (S = 9,3). Espaços: 1: 0; 2: 0,5/2,1; 3: 0,5/1,6; 4: 0/1; 5: 0,5/1; 6: 0,5/2,1; 7: 0/3,5.

Como se trata dum reavivamento posterior, não se justifica uma análise paleográfica e da paginação. O seu autor terá seguido o que viu no monumento, decerto já pouco nítido.

A nossa interpretação é, obviamente, hipotética e baseia-se na presunção de que o regravador foi minimamente fiel. Contudo, como nos informou M. de Lourdes Albertos, se considerarmos Crougae (ou até mesmo só Crouga, com dativo em -a), poderemos ter aqui uma variante do teónimo Crougeai Magareiaicoi Petrauioi, que lê no texto lusitano de Lamas de Moledo (CIL II 416), sendo Nilaigui um epíteto em dativo pré-céltico (terminação -ui). Aliás, o mesmo radical se poderá detectar numa outra divindade indígena cuja ara, procedente de Orense, a identifica como Crougin Toudadigoe, dividindo-se as opiniões dos linguistas acerca do étimo indoeuropeu que lhe deu origem (1).

O dedicante, um indígena, parece ter um nome de origem latina — Clementinus — que não é frequente na onomástica peninsular, não tendo aparecido, ainda, em contexto indígena (²). Do eventual patronímico, Ceius, também não temos paralelos peninsulares, uma vez que o vocábulo Ceio atestado no Castro de Três Rios, perto de Viseu, é de interpretação duvidosa (³).

A fórmula votiva final é corrente.

Luís Filipe C. Gomes António Manuel M. Tavares

(1) Ver, por exemplo, Blázquez (José M.), Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania, Madrid, 1975, p. 58.

⁽²⁾ Cinco exemplos referidos por Vives: em Álava (ILER 4755), Barcelona (ILER 1380 = CIL II 4549 = IRB 101, ILER 1366 = IRB 162), Idanha-a-Velha (ILER 5125) e Tarragona (ILER 6438 = CIL II 4332 = RIT 368).

⁽³⁾ Vives (ILER 783) chega a considerá-lo um teónimo, hipótese que J. Untermann (AEA, XXXVIII, 1965, p. 8-17) pôs de parte.

N. dos E.: Estava esta ficha para ser impressa (Setembro 1985), quando foi distribuído o n.º 4 do vol. XLIII (1984) de «Beira-Alta», onde, a p. 557-562, João L. Inês Vaz publica a inscrição. Considera-a, como os autores, dedica a Crougae Nilaicui; prefere, no entanto, interpretar CEL(ti vel -tii) no patronímico.



Гото 54

ARA VOTIVA DE CASAIS

(Conventus Scallabitanus)

Гото 55

Ara votiva, em granito, que servia de suporte a uma viga em madeira de uma casa em ruínas, na Quinta do Casal, logo à entrada da povoação de Casais, freguesia de S. João da Fresta, concelho de Mangualde. Actualmente (1985) encontra-se exposta na sede da Associação Cultural Azurara da Beira, em Mangualde.

Trabalhada nas quatro faces, o seu estado de conservação é bom; apenas algumas escoriações nas arestas do capitel e da base. Capitel moldurado, do tipo gola encurtada com ranhura. Sobre a cornija, que é saliente, um plinto rectangular, de pequenas dimensões $(4.5 \times 33 \times 26)$, de arestas já um pouco arredondadas. A inscrição ocupa não só o fuste como também a última moldura do capitel e a primeira da base. Base moldurada, do tipo gola reversa com ranhura.

13/39 24/29.

Campo epigráfico: $28,5 \times 30/28$.

Ao Lar Coutício (?). Malgeino, filho de Leuro, arbuense, cumpriu de boa vontade o voto ao Lar Coutioso Longonaroso (?).

Altura das letras: l. 1: 3/3,5; l. 2: 3,5/4,5; l. 3: 3/4; l. 4: 4/4,5; l. 5 e 6: 4/5; l. 7: 4/6; l. 8: 3/4,5. Espaços: 1: 0; 2: 1/2; 3: 1/1,5; 4: 0/1; 5 a 7: 0,5/1; 8: 0,5/2,5; 9: 0/0,5.

Parece ter-se repetido na moldura — por lapso? — o que se lê na l. 2. A interpretação das quatro primeiras linhas é hipotética.

O texto encontra-se ordenado segundo um eixo de simetria, com alinhamento quase perfeito, quer à direita quer à esquerda. «Puncti distinguentes» redondos e profundos. Caracteres actuários, gravados também profundamente, com uma certa inclinação para a esquerda (sobretudo na l. 7): S bastante rudes, com inclinação para a direita; A (l. 3 e 8) sem barra (todavia, o da l. 7 já a possui); B (l. 7) muito assimétrico; os B e os B parecem ter sido feitos a partir de B; notar, na l. 6, B grafado com um B0 uma pequena haste vertical paralela.

Na l. 3, a primeira letra é duvidosa: tanto o radical *Tong*-como *Long*- têm paralelos na teonímia indígena — *Tongoe Nabia-goi* (¹) e *Bandi Longobrigu* (*vide* «Ficheiro Epigráfico», n.º 44) (²).

O dedicante, indígena, e seu pai apresentam uma onomástica característica da Lusitânia (3). Desconhece-se a localização de *Arbua*, eventual topónimo donde se formou *Arbuensis*.

A simplicidade da estrutura textual e o modo de identificação do dedicante levam-nos a datar o monumento da 2.ª metade do séc. 1 da nossa era.

Luís Filipe C. Gomes António Manuel M. Tavares

⁽¹⁾ José d'Encarnação, Divindades Indigenas sob o Dominio Romano em Portugal, Lisboa, 1975, p. 287.

⁽²⁾ F. Patrício Curado, em carta que nos escreveu, é de opinião que, na 1. 3, se deverá ler TONC· (= tunc?) seguido de um C invertido, que interpreta (castellanos); NA/COSOS seria o adjectivo toponímico correspondente.

⁽³⁾ Para *Malgeinus*, ver o mapa apresentado por M. L. Albertos em «Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Iberica», Salamanca, 1976, p. 82. O patronímico *Leuri* (genitivo) atesta-se, por exemplo, em Ibahernando (ILER 3638 = 3915), Villamiel (ILER 6008) e Egitânia (ILER 6091).



Гото 55

ARA FUNERÁRIA DE FRESTA

(Conventus Scallabitanus)

Гото 56

Ara funerária, em granito, que se encontra a servir de pia de água benta na capela de Santo Amaro, na povoação de Fresta, freguesia de S. João da Fresta, concelho de Mangualde (¹).

Praticamente intacta, está, no entanto, bastante gasta, de forma que as letras mal se notam sem luz rasante. A molduração do capitel parece ser de tipo garganta directa com filete. Mede, de altura, 29 cm. A base, de menores dimensões que o capitel (²) (11 cm de altura), apresenta uma molduração de tipo gola reversa.

O mau estado da superfície epigrafada e as dificuldades de iluminação da peça só permitem uma leitura hipotética e muito incompleta.

Dimensões: $74 \times \begin{array}{r} 38/28 & 29/19,5 \\ 27,5 & \times \begin{array}{r} 48 \\ 28/38 & 20,5/29. \end{array}$

Campo epigráfico: $34 \times 27,5$.

⁽¹) Agradecemos aos professores José d'Encarnação e Maria de Lourdes Albertos, as informações que nos deram para a elaboração deste trabalho e dos dois anteriores: sem a sua orientação, eles não teriam sido possíveis. Os nossos agradecimentos também à Associação Cultural Azurara da Beira (Mangualde), que nos comunicou a existência dos monumentos.

⁽²⁾ Será que o lapicida se enganou na gravação, considerando capitel o que, na realidade, era a base?

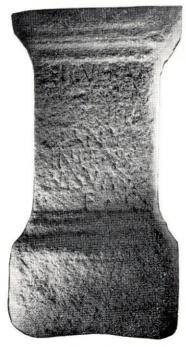
 $\begin{array}{l} [D(?)]EIBVER\overline{AN} \ / \ [...]D\ (?) \ [...]N\ (?) \ / \ [...] \overline{ANGIITA}\ (?)] \ / \\ [...]AN[...] \ / \ 5 \ [...]INI \ \cdot F(ilius,\ a) \ \cdot \ [...] \ / \ [...]VISVA \ [...] \ / \ [...] \ \cdot \\ F(aciendum) \ \cdot \ C(uravit) \ [vel\ C(uraverunt)] \end{array}$

Altura das letras: 3,5/5. Espaços: 1: 0; 2 a 7: 1; 8: 0.

Não se vêem indícios de menção da idade nem das habituais fórmulas funerárias h.s.e. s.t.t.l., de forma que o texto conterá, seguramente, a identificação do(s) defunto(s), eventualmente em dativo, e a identificação do(s) dedicante(s). A l. 5 contém, decerto, a terminação dum patronímico, o que nos permitirá concluir tratar-se de indígenas.

A estrutura textual — omissão da invocação aos Manes, provável ausência das fórmulas funerárias e, inclusive, da menção da idade — e o pouco que se pode ver da paleografia, apontam para datar o monumento do séc. 1 da nossa era.

Luís Filipe C. Gomes António Manuel M. Tavares



Гото 56

ARA A VORTIAECIVS, DE PENAMACOR

(Conventus Scallabitanus)

Гото 57

Há já bastante tempo que são referidos vestígios arqueológicos no sítio da Arrochela, freguesia e concelho de Penamacor, cerca de 1 km a norte de Salvador (¹). Entre os materiais de superfície abundam os cerâmicos mas escasseiam os líticos. Existindo, poucas centenas de metros a ocidente, a Quinta da Arrochela, com várias construções de cantaria (numa região onde falta o granito, porque o solo é de origem xistosa), não será para admirar que se encontre ali reaproveitado bastante material de época romana. No entanto, como também aqui aparece bastante cerâmica, é provável que o material não seja todo (possivelmente até nenhum...) da estação do sítio da Arrochela (²).

Foi na Quinta da Arrochela que se encontrou este monumento, posteriormente oferecido pelo seu proprietário ao Museu de Penamacor (onde já está depositado). É de granito de grão médio, bastante erosionado e com várias pequenas fracturas. O fuste,

⁽¹⁾ José Manuel Landeiro, O Concelho de Penamacor, na História, na Tradição e na Lenda, 1938, e Fundão, 1982 (2.ª edição), p. 166.

⁽²⁾ Em visita ao local com Agostinho Ribeiro, funcionário da C. M. de Penamacor, além de identificarmos uma provável estrutura tumular com tegulae no sítio da Arrochela, verificámos também a existência de variado material reaproveitado na Quinta da Arrochela (tambores de colunas de vários módulos, bases, mós, silhares almofadados, etc.). Posteriormente, Helena Frade e José Beleza Moreira, do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro (Coimbra) identificaram ali este monumento. Foi, pois, a seu convite — que agradecemos — que efectuámos este estudo.

com moldura de garganta (directa e reversa), é separado do capitel e da base por sulcos profundos; as arestas são em arco pouco pronunciado, que originam uma menor espessura ao centro e lhe dão uma certa elegância. A base (com listel e soco) é baixa. O capitel, também baixo, não tem toros nem fóculo; é mais elevado nos cantos e (na falta de melhor terminologia!) é do «tipo almofada»: possivelmente na sua concavidade assentaria um turibulum para as libações.

capitel $9/7 \times 37 \times 38$. Dimensões: fuste $58 \times 37/30 \times 36$. base $11 \times 38 \times 38$. Campo epigráfico: $38 \times 32/30$.

 $\text{FLA}(vius) \cdot \text{TVRI/VS} \cdot \text{FELIX} \ / \ \text{VORTIAECII} \ / \ \text{V}(otum) \cdot \text{S}(olvit) \cdot$

Flávio Túrio Félix cumpriu o seu voto a (Banda) Vortiaecio.

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 6; l. 3: 5; l. 4: 5. Espaços: 1: 3; 2: 2,5/3; 3: 3,5/3/3,5; 4: 3,5; 5: 3.

Toda a inscrição está bastante apagada, pelo que apenas com recurso ao decalque se conseguiu a sua leitura. Mantém-se alguma dificuldade no quadrante superior esquerdo (o mais erosionado) e, por isso, poderia pôr-se a hipótese (pouco provável) de, na l. 1, estar L(ucius) Latturi/us; ainda na l. 1, o R apercebe-se apenas pelo arranque das hastes, por se ter apagado a pança. Igual dificuldade de leitura surge com o R da l. 3; no final desta linha falta espaço para um O final — daí que, pelo nítido alongamento do último I, se possa admitir o nexo II. Neste caso (provavelmente devido a pronunciação local, com a vacilação $u > \ddot{u} > \dot{v}$) teremos Vortiaeciis por Vortiaecius, embora não necessariamente.

É a primeira vez que Banda Vortiaecio aparece identificado apenas pelo epíteto (3), embora tal facto não seja inédito (4).

⁽³⁾ Atendendo às dimensões do monumento e espaço necessário para a antoponímia do dedicante, é possível que também num monumento de Castelo Branco o teónimo se identificasse apenas pelo epíteto: *vide* José Manuel

O dedicante — um indígena romanizado, que mantém o nomen Turius, conhecido na região — tinha já adoptado os tria nomina, com cognomen e praenomen latinos, embora a abreviatura deste último possa corresponder a Flaus.

Este monumento deverá ser do séc. II.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO



Гото 57

Garcia, Contributo para a compreensão das divindades do «grupo Band.» — Uma neva ara, «Conimbriga», XV, 1976, p. 147/150. E para a distribuição do culto a Banda, vide F. Bandeira Ferreira e J. Mendes de Almeida, Uma árula a Banduaetobricus, «Conimbriga», XV, 1976, p. 139/146, com um additamentum de José d'Encarnação; à listagem ali apresentada há que acrescentar ainda Bandi Loncobrigu, de Longroiva (Meda) (vide «Ficheiro Epigráfico», n.º 44).

⁽⁴⁾ Vide José d'Encarnação e Rogério Carvalho, Belver ao tempo dos Romanos — a população e suas crenças, 1984: relativamente a Banda Picius e a Picius, citando outros exemplos (p. 15).

FRAGMENTO DE CIPO FUNERÁRIO DE PENAMACOR

(Conventus Scallabitanus)

Гото 58

No Museu Municipal de Penamacor está depositado um fragmento de cipo ou estela funerária, em granito de grão médio, que foi recolhido no Moinho do Pinheiro, próximo ao sítio das Veigas da Bazágueda, freguesia e concelho de Penamacor, onde havia sido reutilizada juntamente com outros materiais contemporâneos recolhidos nas proximidades (¹).

Dimensões: $39(?) \times 34 \times 28$.

CVTAECO / MANTAI (filio) / [...]

A Cutaeco, (filho) de Mantau...

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2: 6. Espaços: 1: 20; 2: 2/1,5; 3: 7,5 (?).

⁽¹) Esta inscrição foi já referida pelo Reverendo João Rodrigues Lobato, Esboço monográfico da parte nordeste da freguesia de Penamacor, «Actas e Memórias do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor» (= «Actas/Penamacor»), Penamacor, 1982, p. 165. A este autor, que identificou o monumento, agradecemos a informação sobre o seu ineditismo.

E também a antroponímia foi já citada por Maria de Lourdes Albertos Firmat, Los antropónimos indígenas de las inscripciones romanas de la región de Penamacor, «Actas/Penamacor», p. 54, mas com localização errada. Neste mesmo artigo deve anular-se a referência a um possível Lutaecus = Cutaecus de Castelo Branco, que, afinal, é Lubaecus, conforme correcção de José Manuel Garcia, Epigrafia e romanização de Castelo Branco, «Conimbriga», 18, (1979), n.º 5; idem, Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior (= Museu), Castelo Branco, 1984, n.º 26; assim, essa correcção poderá estender-se também a Manuel Palomar Lapesa, «O.L.», p. 80.

Embora seja possível a leitura, a erosão é mais notória na l. 1, onde está quase apagada a parte superior dos três caracteres centrais. Na l. 2, apenas é de assinalar o nexo $\overline{\text{MA}}$.

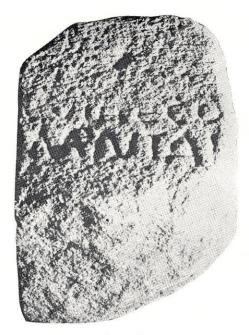
Quanto à antroponímia: se *Mantaus* foi já identificado por várias vezes na região, *Cutaecus* é identificado apenas pela terceira vez — sendo a primeira, como *cognomen* de um indígena romanizado, na *Igaeditania* (²), e a segunda, no feminino, num monumento de proveniência desconhecida que se conserva no Museu Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco (³). Sem negar o radical *Cout-|Coud-* e a sua relação com outros antropónimos como *Coutius|Cutius*, etc. (como é evidente), pela localização deste achado — na vertente sul da Serra de Malcata — parece-nos que o sufixo -aecus poderá ter, também aqui, um significado tópico: não faz sentido que o *Cuda* dos *Lancienses Transcudani* se identifique com o actual hidrónimo Côa (embora este possa relacionar-se com um provável topónimo ou corónimo), antes podendo aplicar-se melhor à própria Serra de Malcata e seus prolongamentos até à Serra da Estrela.

Pela paleografia, utilização do dativo e ausência da invocação aos Manes, este monumento deverá ser da primeira metade do séc. II.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

⁽²⁾ D. Fernando de Almeida, Egitânia — História e Arqueologia, Lisboa, 1956, n.º 88.

⁽³⁾ Este monumento manteve-se inédito até há pouco tempo: <code>pide José Manuel Garcia</code>, <code>Museu</code>, n.º 38, com leitura inexacta. Independentemente de qualquer correcção que possamos vir a fazer, na totalidade, podemos desde já adiantar que ali se lê <code>Cutaecae</code> por duas vezes.



Гото 58